

O CURRÍCULO DE UMA ESCOLA DE ENFERMAGEM

CONSIDERAÇÕES SÔBRE O SEU PLANEJAMENTO

Amália Corrêa de Carvalho *

O planejamento do programa educativo de uma escola de enfermagem envolve a consideração de aspectos comuns a qualquer estudo curricular apresentando, porém, algumas características especiais, dada a própria natureza do curso. Embora prática na sua essência, a assistência de enfermagem somente poderá ser de boa qualidade quando baseada nos princípios das ciências biológicas e psico-sociais. O ensino da enfermagem, objetivando o desenvolvimento de habilidades e destrezas alicerçadas em sólida base teórica, requer programação adequada a fim de manter o equilíbrio indispensável entre a teoria e a prática.

Na elaboração de um programa de ensino visando a formação do enfermeiro torna-se necessário considerar:

1. que é mister orientar o aluno na aquisição dos conhecimentos indispensáveis ao exercício eficiente da profissão; ajudá-lo a desenvolver a própria capacidade de compreender, interpretar, avaliar e aplicar princípios e conceitos da enfermagem, das ciências nas quais esta se baseia, e das disciplinas auxiliares ou afins;

2. que é indispensável oferecer-lhe meios adequados para o desenvolvimento de destrezas e de habilidades motoras e mentais: habilidade nas técnicas e na assistência de enfermagem, em relações interpessoais e na comunicação oral e

* Professora de Pedagogia e Didática aplicada à Enfermagem.

escrita; capacidade de observação e de julgamento;

3. que a modificação de hábitos de conduta ou a criação de novos hábitos e atitudes e de novos interesses e ideais sò mente se consegue através de orientação direta e pessoal do trbalho do aluno, os exemplos dos professôres exercendo uma influência predominante no processo. As atitudes profissionais, o interesse e o ideal de bem servir a pessoa humana são desen-volvidos gradualmente nos estudantes de enfermagem, através de sua prática diária junto aos pacientes, sob a segura orientação dos mestres.

É nosso propósito analisar alguns dos fatôres que influenciam o planejamento, a avaliação ou a revisão dos currículos de escolas de enfermagem no que possuem de característico e de específico. Conveniente e oportuno, portanto, tomar como ponto de partida a conceituação de currículo, uma vez que o que se vier a discutir logo em seguida vai decorrer da interpretação que for dada ao têrmo.

As definições de currículo variam muito. Algumas o reduzem a uma simples série ou lista dos cursos oferecidos pela escola; outras o consideram apenas como o conteúdo das disciplinas que integram um determinado curso. De aceitação mais generalizada é a do Conselho Federal de Educa-ção⁽¹⁾: "... conteúdo do curso, conjunto de matérias e sua sistematização pedagógica."

Redden⁽²⁾ amplia mais o sentido do têrmo quando expõe seu próprio conceito afirmando que o "currículo implica em um corpo de matérias, atividades, experiências, dirigidas ou não, envolvendo ensino e seqüência através das quais o indivíduo deve passar a fim de atingir os objetivos da educação." É interessante notar o caráter inclusivo e geral desta definição que considera tôdas as atividades e experiências dos alunos na escola, dirigidas ou não pelos professôres.

(1) Parecer nº 28/62, Documenta nº 2:111

(2) John D.Redden e F.A.Ryan - Filosofia da Educação, pág.342.

O mesmo ponto de vista é defendido por Anderson⁽³⁾, que define currículo em termos das experiências dos alunos: "... ação recíproca entre as forças que atuam no ambiente que a escola oferece aos estudantes e as atividades dos estudantes nesse ambiente... o meio pelo qual se consegue mudança no seu comportamento", que é, em última análise, o objetivo da educação. Anderson considera a Escola como responsável pelo planejamento, organização e orientação das experiências dos alunos, em ambiente propício à aprendizagem onde atuam forças poderosas: os professores e os métodos de ensino que utilizam; os próprios alunos e os funcionários da instituição; a planta física da escola, seu equipamento, biblioteca e material didático; as disciplinas, sua seriação no curso, e o conteúdo das unidades de ensino.

Não resta dúvida que encarado nessas dimensões o trabalho curricular torna-se mais significativo, passando a constituir um desafio permanente ao professorado. Ao Corpo Docente cabe a tarefa de planejar as atividades de classe e extra-classe de maneira a provocar modificações no comportamento final dos alunos, a fim de atingir os objetivos propostos pela escola, que assim podem ser resumidos: desenvolvimento das faculdades humanas, formação integral do homem e, no caso da enfermagem, o preparo de profissionais capazes e eficientes.

Dentre os fatores que influenciam o planejamento do currículo de escolas de enfermagem destacamos como de suma importância:

1. a finalidade e os objetivos do curso;
2. a comunidade, seus valores sociais e culturais, os cursos e necessidades nos campos da educação e da saúde.
3. os recursos materiais e pedagógicos da escola.

(3) Vernon E. Anderson. - Principles and Procedures of Curriculum Improvement, pp. 9-10.

Finalidade e Objetivos do Curso de Enfermagem

Nenhuma escola poderá planejar um programa de ensino fora do contexto geral do sistema educacional do país. As metas ou propósitos da escola de enfermagem, portanto, deverão estar de acôrdo com a filosofia que norteia as bases da educação nacional e mais especificamente, de acôrdo com os objetivos da educação de grau superior.

Antes de iniciar qualquer especulação quanto ao conteúdo das disciplinas que integram o curso de enfermagem, o seu professorado necessita estar bem esclarecido e seguro sôbre o tipo de profissional que deseja preparar, em que nível e para quais funções. Não é suficiente considerar que a finalidade da escola é formar enfermeiros capazes de dar cuidados de enfermagem ao doente e à sua família, o que é óbvio. É essencial determinar com antecipação qual o tipo de assistência que o enfermeiro deverá estar preparado para planejar e executar, ou para orientar e supervisionar o pessoal de enfermagem no exercício dessas funções.

Para isso é mister que o corpo docente esteja unificado em tórno do próprio conceito de assistência de enfermagem. O que significa essa expressão? Apenas o cuidado direto ao doente e família? Ou inclui a assistência integral individualizada, abrangendo os aspectos físico, mental, social e espiritual a tóda a sorte de pacientes, em qualquer circunstância e ambiente? Inclui os aspectos preventivos em relação à saúde, constituindo a educação sanitária de pessoas ou grupos sociais, parte integrante dessa assistência? Pressupõe, além da eficiência técnica, habilidade em comunicação oral e escrita e bom relacionamento com doentes, familiares, pessoal de serviço e profissionais paralelos?

É possível que o preparo de profissionais capazes de oferecer ótima assistência de enfermagem não seja o único objetivo do curso. Na situação brasileira, em que o enfermeiro tão logo se diploma já é chamado a exercer atividades

administrativas nas Instituições de saúde, sua preparação para a chefia deve constituir também preocupação essencial da escola. Haverá necessidade de desenvolver no estudante qualidades que o capacitem a liderar a equipe de enfermagem, o que inclui conhecimento, compreensão e utilização dos princípios básicos de administração aplicáveis à chefia de uma unidade de enfermagem bem como habilidade no planejamento e execução de programas de educação em serviço.

Além disso que qualidades, que características deve possuir o enfermeiro, além das que adornam qualquer pessoa bem educada e bem formada e que podem ser desenvolvidas durante o curso? Haverá atitudes profissionais típicas, sem as quais o enfermeiro não poderá desempenhar-se bem de suas funções, e cuja criação e desenvolvimento a escola deve prever? Quais as características de um profissional de nível universitário? Que tipo de cultura deve possuir? Que tipo de personalidade? Que tipo de formação sobre o ponto de vista intelectual, moral e ético, social e político, artístico e religioso? Que tipo de filosofia de vida deve desenvolver: viver para aproveitar-se da comunidade ou para servir a comunidade?

Despertar no estudante de enfermagem consciência de sua missão e responsabilidade no campo da saúde e o ideal de servir a pessoa humana é tarefa que a escola não pode delegar — constitui uma de suas mais importantes metas.

A consideração cuidadosa de todos esses aspectos ajudará o corpo docente a definir claramente o tipo de enfermeiro que deseja preparar para a sociedade e uma vez de finido o profissional, uma vez feita a decisão, os objetivos do curso deverão ser formulados em linguagem simples, clara, precisa, destacando seu caráter realista e exequível. Essa é a primeira fase do trabalho curricular.

Igualmente realista e exequível deverá ser o programa das experiências educativas que a escola pretende desenvolver a fim de atingir os objetivos propostos. Indispensável, portanto, sua concordância e seu relacionamento com as condições sanitárias e sócio-culturais da comunidade.

As crenças, tradições, costumes religiosos, sociais ou políticos de um povo, seu nível educacional e econômico, exercem marcante influência sobre o conceito de saúde e morbidade que este possa ter e sobre sua conduta em relação ao tratamento e profilaxia das doenças. Por outro lado, as condições geo-topográficas, climatéricas e de saneamento do meio refletem na incidência de certos estados mórbidos; podem influir na disseminação de moléstias, facilitando o aparecimento de endemias e epidemias. Há doenças comuns nas zonas tropicais, como algumas das verminoses, por exemplo, que determinam graves problemas sanitários e que são raras ou inexistem nas zonas frias. O inverso também é verdadeiro: afecções muito prevalentes nessas regiões podem não ocorrer nos tropicais.

A tecnologia, a criação de pequenas e grandes indústrias com o conseqüente crescimento rápido e por vezes desordenado dos centros urbanos originam uma série de problemas sociais, morais e psicológicos de profunda repercussão na saúde física e mental do indivíduo. A crise de habitações obriga, com frequência, a uma vida promíscua e sem conforto. Esta circunstância, aliada a condições precárias de trabalho e alimentação, contribui para a baixa do nível de saúde da população, aumentando suas necessidades de assistência hospitalar e dos serviços preventivos da localidade.

O desenvolvimento cultural e científico, o progresso agrícola e industrial a condição de comunidade urbana ou rural, as necessidades de saúde do povo, os recursos econômicos e assistenciais da sociedade, são fatores que interferem no sistema educacional do país e, portanto, no planejamento dos currículos das escolas, desde o grau elementar até o nível superior.

O programa educativo de uma escola de enfermagem deve ser planejado levando em conta tôdas essas circunstâncias, destacando como relevantes os recursos educacionais e assistenciais: existência ou ausência de Universidades, número de escolas superiores e secundárias, constituindo as primeiras garantias de corpo docente e especializado e em constante aperfeiçoamento, e as últimas, possibilidades de boa seleção de candidatos; quantidade e tipo de hospitais e unidades sanitárias; categorias profissionais no campo de saúde, sua formação básica e técnica; existência de enfermeiros nos hospitais e centros de saúde, e a quantidade e qualidade da assistência prestada à população, todos esses são pontos importantes a considerar em um estudo preliminar do currículo da escola, no que se refere ao planejamento das experiências e atividades dos alunos.

Recursos Pedagógicos da Escola

"Nenhum programa educativo poderá ser superior aos professôres que dêe participam"⁽⁴⁾. De nada adiantará fazer planos para cursos longos, com um sem número de horas de aulas e de atividades discentes, incluindo disciplinas profissionais e humanísticas, de cultura geral e artística, discriminando a utilização dos métodos de ensino mais modernos e eficientes, de nada adiantará tudo isso se a escola não contar com um corpo docente especializado e de primeira ordem, capaz de executar o planejado.

Será igualmente inútil incluir no programa disciplinas para as quais não haja, na comunidade, professôres habilitados; ou contratar bons professôres mas não poder oferecer-lhes e aos alunos condições mínimas que favoreçam o ensino e a aprendizagem: ambiente confortável, equipamento e material didático adequados, facilidades de biblioteca e de secretaria.

(4) - La Education Básica de La Enfermera Profesional, pag. 32.

O Currículo deve ser realista, deve basear-se no que a escola tem, no que pode ser executado dentro das limitações impostas pela verba orçamentária e pela dificuldade de pessoal docente. Em se tratando de escolas de enfermagem outras considerações devem ser lembradas. Não se aprende enfermagem em salas de aula ou na biblioteca apenas, mas principalmente junto ao paciente, quer esteja êste internado para tratamento ou venha aos serviços de ambulatório para observação ou controle. Não se aprende a fazer assistência preventiva e educação sanitária apenas ouvindo conferências e discutindo sobre a seleção dos métodos de ensino e dos meios de comunicação de massa, mas sim trabalhando na comunidade, aprendendo com o povo, para auxiliar e ensinar o povo.

A necessidade de programar um curso mais prático do que teórico, em que grande parte do ensino deve ser feita durante os estágios das estudantes em hospitais, centros de saúde ou outras instituições sanitárias, deve alertar o professorado para certas considerações importantes. Conta a escola com campos clínicos adequados para os estágios fundamentais? Quais as características do campo de estágio para o ensino de enfermagem médico-cirúrgica? Para a enfermagem materno-infantil? Possui a comunidade hospital de psiquiatria e unidades sanitárias que possam servir de campos clínicos para a escola? Quem, nessas instituições ou nesses serviços, é o responsável pelo serviço de enfermagem? Há enfermeiros nessas instituições? Ou a escola necessita lançar mão do próprio pessoal para preparar o campo? E a manutenção do padrão de assistência de enfermagem, quem a faz?

Todas essas considerações levam a responsabilidade do corpo docente, ao estudar o currículo da escola, muito mais longe; induzem-no ao exame das circunstâncias em que deve ser feito o ensino no campo. Êste, sòzinho, não ensina na ninguém, por mais rico que seja em número e variedade de experiências. Um grupo de alunos em estágio não deve significar apenas, mais pessoas para o trabalho; mas um grupo cujos membros devem ser orientados, guiados, na aquisição de novos conhecimentos e no desenvolvimento de novas técnicas e

novas atitudes. Para isso necessitam de um orientador, de um guia, que relacione as experiências que devem ter, que planeje suas atividades durante o período de prática, que demonstre procedimentos de enfermagem, que corrija seus erros, que avalie o cuidado que estão prestando aos doentes; que, em suma, ensine pelo exemplo, demonstrando pessoalmente em que consiste um bom cuidado de enfermagem, em que consiste a assistência integral, individualizada.

Possui a escola professoras de enfermagem em número suficiente e capacitadas para esse tipo de ensino no campo? Ou a escola preocupa-se apenas com o programa teórico? Nesse caso, quem faz a aplicação do aprendido em classe à situação no campo? E se essa aplicação não é feita, ou é mal feita, não seria conveniente reduzir o tempo de estágio, uma vez que existe o perigo de os estudantes caírem na própria rotina diária dos cuidados de higiene e administração de medicamentos e tratamentos? Supondo que a escola tenha professora para o ensino e supervisão no campo, qual o preparo dessa pessoa? É especializada na disciplina? É uma boa enfermeira isto é, tem o ideal de servir e sabe prestar assistência a qualquer tipo de paciente? Tem prática de ensino e sabe selecionar experiências de aprendizagem para os alunos? Sabe orientá-los? Constitue exemplo a ser seguido?

Não é demais repetir que pouco ou nada vale um plano perfeito, um programa completo e bem elaborado, se os recursos da escola não permitem sua execução, se as condições do corpo docente não favorecem sua prática. O planejamento do currículo de uma escola de enfermagem implica no estudo preliminar de todos esses aspectos. E se as circunstâncias não permitem o desenvolvimento de um bom programa educativo, algo deve ser feito para modificar essas circunstâncias. O inadmissível é planejar o ideal baseado em hipóteses.

Considerações Finais

Com base nos objetivos da escola, considerada esta em função dos seus recursos materiais e pedagógicos, dentro de determinado contexto sócio-cultural, e levando em

conta as áreas de estudo que o curso de enfermagem necessita abranger, pode o corpo docente tomar decisões em relação aos candidatos que poderão ser inscritos e métodos e técnicas para a sua seleção; duração do programa de acordo com a carga anual de atividades; disciplinas que devem integrá-lo, com o respectivo conteúdo básico; duração de cada disciplina e profundidade em que será ministrada; duração de cada estágio prático de acordo com as necessidades do ensino e a qualidade do campo clínico; sistema de avaliação do rendimento escolar, tanto da parte teórica quanto da prática.

Muito importante em todo o processo é que não se perca de vista o tipo de enfermeiro que a escola pretenda formar. Da concordância preliminar sobre o que este precisa saber a fim de exercer bem sua profissão deriva a decisão sobre que matérias deverão integrar o currículo para facilitar a aquisição desses conhecimentos. As ciências físicas e biológicas constituem o alicerce básico do curso de enfermagem. Mas dessas quais as disciplinas indispensáveis ao enfermeiro? E em que grau de profundidade devem ser ensinadas?

Colaborador do médico na assistência curativa e preventiva, o enfermeiro, pela própria natureza de suas funções, é quem passa maior período de tempo junto ao indivíduo em ambas as situações, de doença ou de proteção à saúde. Para o êxito de sua missão de cuidar, tratar, educar, assistir fisicamente, psicológica e espiritualmente, necessita conhecer e compreender bem as causas determinantes do comportamento humano; necessita ser capaz de avaliar as reações do indivíduo ante qualquer desequilíbrio no ritmo de sua vida, quer seja por doença orgânica ou mental, quer seja pelo aparecimento de problemas emocionais; precisa compreender a importância do ambiente e de fatores sócio-culturais, tais como raça, religião, idioma, crença, hábitos, costumes, e seu reflexo no método ou técnica de tratamento e educação sanitária de grupos sociais. O Enfermeiro necessita, portanto de bons conhecimentos das ciências psico-sociais. E dessa área que disciplina deverão integrar o currículo? Em que série do curso? Em que profundidade? Qual o conteúdo básico de cada uma? Corresponderá esse conteúdo, às necessidades do enfermeiro no

campo dos conhecimentos de psicologia, sociologia e antropologia, de modo a auxiliá-lo na manutenção de um ambiente terapêutico para seus pacientes? Em que medida?

Como qualquer estudante de escola superior o aluno do curso de enfermagem está ainda na fase de aperfeiçoamento de suas qualidades humanas, em processo de desenvolvimento de sua personalidade. A escola tem responsabilidade de nesse processo e precisa oferecer aos jovens a oportunidade de crescerem, não apenas intelectual e profissionalmente, mas também sob o aspecto de cultura geral e humanística, religiosa e artística. Planejar cursos ou atividades nesses setores, ou introduzir disciplinas dessa área no currículo, devem constituir preocupação do corpo docente quando da determinação do programa educativo. Filosofia, literatura, história, apreciação artística, cultura musical, cultura religiosa: figurariam entre algumas das muitas escolhas que a escola poderia fazer.

Em todos os campos da enfermagem os programas teóricos e práticos devem conduzir o estudante à eficiência máxima na prestação de assistência de enfermagem à toda e qualquer classe de indivíduos, doentes ou sadios, em qualquer circunstância ou ambiente. A par do aperfeiçoamento intelectual e técnico necessita o aluno de orientação especial com o fim de auxiliá-lo no desenvolvimento de atitudes profissionais e humanas, de ideais de altruísmo e solidariedade, de compreensão da parcela de responsabilidade individual que lhe cabe em relação à melhoria das condições de saúde do homem.

E para que o professorado possa efetuar essa orientação é preciso que haja um consenso geral entre os membros do corpo docente sobre que atitudes e ideais devem ser criados ou desenvolvidos durante o curso, e sobre os meios de os desenvolver. Trata-se de processo lento que se inicia no 1º ano e espera-se que continue até a diplomação. A incorporação gradual de hábitos de consideração e respeito pela pessoa do paciente, de compreensão e tolerância, de discrição e lealdade, de devotamento ao trabalho, conjuntamente com outras atitudes, interesses e apreciações não menos importantes, faz-se

através das experiências diárias do estudante na escola ou no campo clínico. Não constitui responsabilidade de uma ou de outra professora, mas de todo o corpo docente, num acompanhamento progressivo do aluno, de disciplina em disciplina, de estágio em estágio.

Essa a razão por que, durante o planejamento do currículo, as atitudes profissionais devem ser muito bem definidas, assim como a maneira de desenvolvê-las durante o curso; o professorado então, coerente com os objetivos da escola e em unidade de pensamento e ação, poderá desempenhar seu ministério de maneira harmoniosa, concordante e uniforme, a fim de atingir êsses mesmos objetivos.

O estudo, a revisão ou o planejamento do currículo, quando efetuados pelo corpo docente, de acordo e com a colaboração de todos os seus membros, constituem fatores de crescimento individual de cada professor e asseguram maior entrosamento entre as diferentes áreas ou departamentos do ensino, maior unidade de pontos de vista em matéria relacionada ao ensino da enfermagem, maior unidade de ação no desenvolvimento de um programa destinado a preparar enfermeiros competentes, equilibrados, concientes de sua responsabilidade social.

Referências Bibliográficas

1. ANDERSON, Vernon E. - Principles and Procedures of Curriculum. Improvement, New York, Ronald Press, 1956.
2. BELLO, R. de Ayres - Filosofia Pedagógica. Rio, Ed. Globo, 1954.
3. BROWN, Amy F. - Curriculum para Escuelas de Enfermería. México, C.R. de Ayuda Técnica, 1964.
4. HEIDGERKEN, Loretta E. - Ensenanza en las Escuelas de Enfermería. México, C.R. de Ayuda Técnica, 1962.

5. LYMAN, Katherine - Basic Nursing Education Programmes. Genebra, World Health Organization, 1961.
6. MARITAIN, Jacques - Rumos da Educação. Rio, Livraria Agir, 1966.
7. OPAS/OMS - La Education Basica de la Enfermera Profesional. Washington, 1952.
8. REDDEN, John D. Ryan, F.A. - Filosofia da Educação. Rio, Livraria Agir, 1961.

CARVALHO, Amália C. de - O currículo de uma escola de enfermagem: considerações sobre o seu planejamento. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 1(1); 35-47, out. 1967.